

## **CENTELHAS DE UMA CIDADE TURÍSTICA NAS NARRATIVAS FOTOGRAFICAS DE JAEICI GALVÃO**

**Sylvana Kelly Marques da Silva<sup>1</sup>  
Maria Lúcia Bastos Alves<sup>2</sup>**

**Resumo:** Este trabalho constitui-se em um ensaio teórico, baseado na pesquisa de mestrado defendida no Programa de Pós-graduação em Turismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Buscou-se fazer uma reflexão sobre as mudanças sócio-espaciais que ocorreram na cidade de Natal sob o signo da modernidade e que inseriram a cidade em uma perspectiva turística privilegiando o discurso do Desenvolvimento Econômico e Social, em consonância com as ordens racionalistas e tecnológicas. Observou-se transformações geradas principalmente pelas mudanças de sensibilidade em relação às paisagens em foco nas imagens fotográficas. Para acompanhar esses deslocamentos, elegeu-se as fotografias de Jaeci Emerenciano Galvão, que elaborou uma narrativa visual acerca da cidade de Natal que informa, reflete formas de articular e elaborar a visualização espacial, desperta questões sociais implícitas por trás da estaticidade das imagens. Como metodologia adotou-se à análise sócio-semiótica, pesquisa teórica sobre o tema e pesquisa bibliográfica sobre a região e sua história.

**Palavras-chave:** Fotografias. Fotógrafo. Turismo. Cidade. Modernidade.

---

<sup>1</sup> Mestre em Turismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Programa de Pós-Graduação em Turismo (PPGTUR). sylkellymarques@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP); Professora adjunta do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) e do Programa de Pós-Graduação em Turismo (PPGTUR) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). mluciabstos29@yahoo.com.br

## **Introdução**

Para tratar das novas questões que surgem com a modernidade no âmbito sócio-espacial, o fenômeno do turismo, um dos principais agentes de alteração dessas categorias passa a ser estudado em suas particularidades. Visto que, durante algum tempo, relegado aos estudos que envolviam a economia e as ciências empresariais em geral, o que se justifica pelas contribuições financeiras que a atividade oferece, as nuances contidas no fenômeno turístico, principalmente as presentes nas tramas sociais, ficaram encobertas. O acesso para os estudos que envolvem a produção sócio-espacial fazem com que o turismo floresça de forma renovada, como um enigma pronto a ser revelado.

Na busca de desvendá-lo, esquadriham-se verdades para fechar um conceito do que seria o “fenômeno”, a “atividade” ou a “indústria” do turismo. Questões difíceis, principalmente para os turismólogos, direcionados, na maioria das vezes, a aventurarem nas pretensas abordagens objetivas. A teoria do turismo, “se é que existe uma que se possa identificar como original” (Panosso Netto, 2011), encontra-se em um momento de crise, crise que assola as áreas dos conhecimentos de forma geral.

Diante da crise da modernidade, vários termos têm sido sugeridos para entender o período em que vivemos. Alguns buscam exceder o tempo determinado por modernidade. A produção de uma nova era, um novo tipo de sistema social, no qual os estudiosos sugerem que, mais que um estado de coisas precedentes, vivencia-se um encerramento, uma ruptura que culmina em um novo evento; “pós-modernidade”, “pós-modernismo”, “sociedade pós-industrial”, e assim por diante. Período em que as questões se concentram especialmente sobre as transformações institucionais e no enfoque às questões ligadas à filosofia e a epistemologia (Giddens, 2001).

A sensação de viver num mundo em que a informação, as trocas, os deslocamentos se fundem e confundem de maneira assoberbada, nos trás esse sentimento de ruptura e desassossego. Podemos dizer que estamos em uma nova forma de se relacionar, perceber o espaço e o tempo, pois na medida em que compreendemos a velocidade com que nossos referenciais caducam, percebemos o caráter convencional das relações. À medida que as trocas se

intensificam de forma cada vez mais rápida, as relações sociais se complexificam como consequência fundamental da modernidade, que *introduziu novas formas de interdependência mundial* (GIDDENS, p.153, 2001). Assim, partimos de uma concepção que toma o fenômeno do turismo diante das complexas relações da modernidade; produtor de discursos, articulado por grupos, construtor de espaços que passam a ser vivenciados pelos sujeitos que sentem e identificam-se, particularizando-os cultural e historicamente.

Essa intensidade relacionada à modernidade trouxe um posicionamento espacial, que segundo Albuquerque Junior (2005), é definido pelas relações de proximidade, convívio, conflito, articulação e afrontamento, entre diversos pontos ou elementos, formando séries, cartografias, redes e tramas. Os espaços<sup>3</sup> não são meros palcos, como pensou o iluminismo em sua prática positivista, são carregados de historicidade, os sujeitos agem e sentem os espaços através de discursos e gestos múltiplos, se apropriam dele, produzindo imagens e códigos de identidade. Os indivíduos fazem do espaço um *lugar praticado* e encenado<sup>4</sup>.

O turismo enquanto manifestação social põe em proximidade e/ou em distanciamento visões de mundo, usos, consumos e processos de apropriação simbólica dos espaços. Associá-lo em uma reflexão a fotografia, uma experiência sociocultural e histórica é articulá-los entre indícios de representações, de relações, de mentalidades, de formas de consciência social e de maneiras de ver o mundo. A fotografia provocou grandes mudanças na relação do homem com o campo visual; reações, estranhamentos, tramas e ficções. Desde o seu advento manteve-se em constante mutação, dos seus meios físicos até as variadas maneiras de empregar suas representações, suas construções, suas linguagens. Deste modo a fotografia abre um leque de possibilidades para sua análise, com seu aspecto estético, político, discursivo, social, subjetivo e etc.

---

<sup>3</sup> Segundo Milton Santos o espaço geográfico, como um ente analítico independente, dentro das ciências sociais, é um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações, desta maneira, a paisagem, a configuração territorial, a divisão territorial do trabalho, o espaço produtivo e produzido, as rugosidades, as suas formas e conteúdos são suas categorias analíticas internas. Ver SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo, 1997.

<sup>4</sup> Para um maior entendimento ver ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. Zonas de encrência: algumas reflexões sobre poder e espaços. Natal: 2005b. 9p. Disponível em: < <http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/index2.htm> > Acesso em: 05. fev. 2011.

Nesse sentido o fenômeno do turismo e a fotografia em seu contexto sócio-espacial interligam-se ao sujeito e demarcam as linhas desse argumento. Procurou-se explorar por meio da análise sócio-semiótica<sup>5</sup>, que reflete formas de articular e elaborar a visualização espacial, as representações visuais – neste caso, a fotografia – de Jaeci Emerenciano Galvão, um dos fotógrafos mais representativos na capital de Natal, por ter inscrito na imagem as paisagens natalenses no período de urbanização acelerada da cidade, criando assim, uma visualidade para o local, destacada através do processo de construção da sua imagem turística.

### **A cidade em foco**

A cidade corresponde à dimensão da vida social, pensá-la é discorrer a diversas ações e interações em uma estética e produção pertencentes a um dado tempo e espaço. Os locais privilegiados em uma cidade constituem-se por intermédio de uma rede de relações e discursos, que criam visualidades e as carregam de sentido. Um dos sentidos de modernizar a cidade, entre os séculos XIX e XX, era dotá-la de estruturas materiais e mecânicas correspondentes aos padrões vigentes, em busca de uma melhor qualidade de vida. Dentre as tecnologias do período encontra-se a fotografia, que desenvolve-se e multiplica-se em meio às transformações sociais e culturais que se estabeleceram nos grandes centros. Detida na superfície fotográfica difunde desejos, criações e sonhos, converte-se aos espectadores ausentes em um testemunho visual e material da cena passada, um fragmento congelado de uma dada realidade, de uma dada paisagem para ser divulgada (Kossoy, 2003).

Toda fotografia existe em paridade com uma multiplicidade de desejos e tramas interpretativas sobre as experiências sociais, revela uma maneira de ver, “quer seja daqueles que atuam como fotógrafos, quer seja daqueles que olham as imagens fotográficas” (Mélo, 2009, p. 61). Diante da atividade turística a imagem fotográfica se destaca como uma das maneiras mais eficientes de comunicação, tornando-se uma peça reveladora das construções sociais. O fotógrafo

---

<sup>5</sup> Sobre a aplicação dos princípios da semiótica como uma metodologia adequada ao estudo de uma história sócio-cultural, preocupada com a análise das representações e comportamentos sociais, capaz de por meio da recomposição das estruturas significativas, nos oferece uma forma de interpretar os fenômenos sociais, ver: MAUAD, Ana Maria. Poses e Flagrantes: ensaios sobre história e fotografias. Niterói: Editora da UFF, 2008.

IX Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
30 de agosto e 01 setembro de 2012 – Universidade Anhembi Morumbi - São Paulo

e a cidade descoberta por esse artefato relacionam-se nas redes estratégicas de inclusões e exclusões sociais, no domínio e abandono de determinadas formas de pensamento. Das imagens das grandes capitais até as das pequenas cidades do interior, a fotografia é produzida dentro de um regime visual cuja função, tal como define Bourdieu, era de ser “representação da sociedade em representação” (apud Mauad, 2008, p.114).

Se, é correto afirmar que os fotógrafos, que presenciaram o crescente processo de urbanização que ocorreu na maioria das capitais do ocidente a partir da segunda metade do século XIX, priorizavam as cenas urbanas, as transformações pelos quais as cidades passavam, a recíproca é verdadeira: os órgãos oficiais públicos e privados, os agentes responsáveis e idealizadores das transformações urbanas, entre outras do período, utilizaram a fotografia como meio de registrar, propagar e conferir visualidade aos seus feitos, construindo por vezes um verdadeiro dossiê do antes, durante e depois dos espaços em transformação. Além disso, editores de álbuns de visitas e de cartões-postais reproduziram e comercializaram imagens fotográficas, contribuindo para a difusão de modelos de cidades pelo mundo e para o incremento do ofício do fotógrafo. A cidade passa a ser um ideal, racionalizada em espaços de apreciação, planejada e dividida em lugar de trabalho, lazer, consumo e residência, com a devida separação das classes sociais.

Nesse contexto os anseios das elites letradas, que tinham acesso à literatura diversificada, que podiam viajar e que almejavam viver e sentir o esplendor do progresso em suas terras influenciou a condução de muitas cidades rumo ao que entendiam como um aprimoramento cultural e urbano. Entretanto, mudar a concepção que se tinha de determinados espaços, além de não ter sido de uma hora para a outra, não ocorreu de maneira uniforme. Nesse aspecto, a fotografia e o ideal de desenvolvimento econômico por parte da atividade turística tiveram um papel preponderante. A curiosidade em relação às metrópoles, o registro dos novos ritmos, os espaços fragmentados, recortados e prontos para serem mostrados, viajavam nas fotografias de cartões-postais, jornais e revistas e com eles novos ideais.

Em uma situação onde tudo era novo, onde a insegurança e o êxtase diante das novas tecnologias, paisagens e transportes andavam paralelamente no imaginário social, como

ressalta Nicolau Sevcenko (1992), a fotografia, portadora de grandes símbolos e dos elementos da modernidade, abria as portas para o desejo dos turistas, rompia com o mundo imóvel, educava e moldava os olhares para vivenciarem uma nova realidade. A paisagem fotografada se estabelece numa intensa inclusão de elementos, cuja criação relaciona um campo que dá a ver a cidade como poder de ícone<sup>6</sup>. Ao mesmo tempo, a fotografia só existe a partir do momento em que é interpretada e dotada de sentido pelo receptor, muito dessa recepção se dá por meio da seleção e ordenação de códigos de reconhecimento: dimensão icônica da imagem.

É fundamental que se perceba que as diferentes ideologias, encontram na imagem fotográfica, um poderoso instrumento de veiculação de ideias. Desenvolvida paralelamente as disciplinas científicas que tinham como base os preceitos positivistas, a imagem fotográfica foi incorporada aos objetos de estudo como um registro objetivo e fidedigno dos fatos (Kossoy, 2007, p.60), uma prova da realidade que se pretende mostrar. Fora algumas exceções, a experiência fotográfica brasileira em seu processo de criação/construção do signo, buscou representar o modelo de civilização europeia, educar o olhar do indivíduo, transmitir os símbolos de civilidade como forma de ser aceito, aprovado pelo outro.

A partir dessa reflexão, torna-se relevante compreender melhor a relação entre a cidade, o fotógrafo e o turismo. Afinal, como sujeito do seu tempo, o fotógrafo Jaci E. Galvão compartilhava em sua vivência cotidiana com noções que são parte de todo um universo de valores ligados aos referentes fotográficos, que contribuem para a realização e para a leitura das imagens. Portanto, as fotografias aqui analisadas podem ser vistas como integradas a um contexto de ideias e experiências compartilhado na cidade. O uso da imagem fotográfica em Natal, influenciada por esse processo de modernização e urbanização<sup>7</sup>, instrumento de propaganda, difunde as novas visualidades.

---

<sup>6</sup> A definição de Peirce de signo icônico convocada por Eco é a seguinte: “aqueles signos que têm certa nativa semelhança com o objeto a que se reportam”. Eco acrescenta que o signo icônico pode possuir, entre as propriedades do objeto, as ópticas (visíveis), as ontológicas (pressupostas) e as convencionadas (modelizadas, sabidamente inexistentes, mas eficazmente denotantes). In: A Estrutura Ausente.

<sup>7</sup> Em rápidas palavras: No século XX, a partir do ano de 1929, com a aprovação do Plano Palumbo que, nas palavras das elites, colocará Natal, finalmente, nos rumos do progresso e do crescimento ordenado Natal começa a se modificar. Período pioneiro em relação à interferência do poder público na organização do espaço da cidade. Após, a

As primeiras transformações, que marcou de forma histórica o espaço natalense, encontram-se relacionadas à atuação da cidade durante a Segunda Guerra Mundial, ocasião em que foi instalada a base aérea dos Estados Unidos na cidade. A cidade de menos de 60.000 residentes teve que se conformar com a entrada de centenas de militares norte-americanos (Smith Junior, 1993). Momento em que observamos germinar uma política de visibilidade e “divulgação” da imagem de Natal, feito propício ao turismo. O então prefeito da capital aproveitando-se da tecnologia das máquinas americanas que encontravam-se na cidade, investiu na construção da primeira Avenida em frente à orla marítima. Foi além, ao encomendar para o renomado folclorista Luís da Câmara Cascudo, um livro com a história e fotografias variadas da cidade de Natal, mandou publicar e distribuiu vários exemplares em diferentes cidades do Brasil<sup>8</sup>.

## O Olhar do fotógrafo

Jaeci Galvão, o fotógrafo das paisagens natalense, operacionaliza uma narrativa que circunscreve categorias universais como o tempo e o espaço, que estão *pari passu* influenciando, ou sendo influenciadas pelas formas de conhecimento que dimensionam as sutilezas e evidenciam as tramas culturais. Nas entrelinhas das imagens fotográficas de Jaeci há uma construção discursiva que se associa a vontade do novo. Mas que *novo*? Que estruturas que percebemos nas paisagens da cidade? O que é mostrado? De que maneira é mostrado? Como a cidade esta sendo representada nessas imagens? Como se estrutura o grupo agenciador da cidade? Qual sua formação e que valores carregam consigo? Como o turismo se insere nesse contexto? Questões

---

Segunda Guerra Mundial, foi um momento de destaque para a alteração espacial de Natal, devido ao papel desempenhado pela cidade no conflito. São momentos que fazem com que Natal experiencie uma nova fase de urbanização, ocasião em que se dá a demanda por Hotéis, a necessidade de casas para alugar, iniciando um crescimento mais dinâmico que foi fundamental para definir as atividades ligadas ao setor terciário. Ver em COSTA, Ademir Araújo da. *A verticalização e as transformações do espaço urbano de Natal-RN*. Tese (Doutorado em Geografia). UFRJ/PPGG. Rio de Janeiro, 2000. pag. 117 a 129.

<sup>8</sup> O Prefeito referido no texto é Silvio Pedrosa, de formação escolar londrina, administrou Natal entre os anos de 1946-1951. Após esse período assumiu o cargo de governador do estado do Rio Grande do Norte. O investimento que fez na orla marítima se destacou entre seus feitos. Teve como seu secretário de cultura o representativo Folclorista e Historiador da cidade de Natal Luís da Câmara Cascudo, autor do livro “História da Cidade do Natal” de 1947, que foi distribuído pela administração de Silvio Pedrosa em varias cidades do Brasil.

IX Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
30 de agosto e 01 setembro de 2012 – Universidade Anhembi Morumbi - São Paulo

que se respondidas são capazes de nos fazer entender como as fotografias de Natal se traduzem em discursos.

O fotógrafo carrega em seu histórico mais de 70 anos de experiência, tempo que lhe proporcionou desenvolver um acervo que o conformou como um dos mais representativos fotógrafos da cidade de Natal. A seguir entrevemos algumas de suas imagens concatenadas com as questões propostas:



Fotografia 1: Avenida Rio Branco, 195?.  
Fonte: *Natal Ontem e Hoje* (CD)

A história do fotógrafo está intimamente ligada aos caminhos da cidade. Começa a atuar como fotógrafo, ainda no período da adolescência, seu olhar atua privilegiando os momentos de transformações, o jovem busca sinais do novo – as largas avenidas, automóveis, casas comerciais – o dia surge na experiência do fotógrafo para dar visibilidade à cidade no jogo de luz e sombra. As ruas estreitas, cortiços são espectros do *velho* passado. A Avenida Rio Branco, apresentada na *Fotografia 1* pulsa no coração da cidade com o aglomerado do trânsito e transeuntes, ares modernos revigorando a cidade.

A perspectiva semi-frontal sugere a ideia de movimento assegurada pela disposição dos pedestres e meios de transporte, que se sobrepõe no abandonado trilho dos bondes, antigo transporte coletivo, substituído pelo ônibus urbano, que está destacado na interseção da regra dos terços<sup>9</sup>. A fotografia tomada da cobertura do edifício de três andares, que sediava o Natal

---

<sup>9</sup> Na estética fotográfica, a Regra dos Terços, uma simplificação da proporção áurea utilizada desde a antiguidade nas artes, é utilizada para colocar o objeto principal em evidência e tornar a imagem mais dinâmica e interessante.



IX Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
30 de agosto e 01 setembro de 2012 – Universidade Anhembi Morumbi - São Paulo

Clube, na esquina da Avenida Rio Branco com a Rua General Osório, revela fragmentos do espaço do início da década de 1950<sup>10</sup>.

Jaeci é também o fotógrafo das primeiras panorâmicas da cidade. Um novo padrão de visualidade, favorecido pelo desenvolvimento tecnológico, na qual a velocidade do transporte utilizado, a agilidade da técnica fotográfica e a possibilidade de redução da abertura do obturador para frações de segundos, permite que os espaços da cidade, congelados e delimitados, sejam mostrados ao espectador. Na fotografia 2, em especial, o distanciamento que indica a cidade em sua totalidade, revela um espaço possuído e controlado em suas estruturas. O foco preferencial centralizado, que desponta de dentro para fora, mostra-se um esforço de abertura do visual, um dar a ver as paralelas que cruzam a cidade como elemento de percepção que não se encerra em si mesmo. Embora Jaeci, tenha mantido atividades como fotógrafo particular simultaneamente ao ofício de fotógrafo oficial da Prefeitura, tem a marca da oficialidade como uma orientação bastante significativa em sua carreira.



Fotografia 2: Panorâmica da Cidade de Natal, 1952.  
Fonte: *Natal Ontem e Hoje* (CD)

A cidade nas imagens fotográficas de Jaeci Emerenciano é representada com a ênfase no urbano, as ruas recortadas, geometrizadas, uma capital em ritmo de progresso, preparada para receber seus turistas, homens de negócio e investidores. Os espaços centrais

<sup>10</sup> Do ponto de vista iconográfico descrições como localização do registro, data, época são ricas fontes de informações. O esclarecimento sobre a provável data da fotografia 1, início da década de 1950, foi dada pelo filho do fotógrafo Jaeci Galvão, o Senhor Jaeci Emerenciano Galvão Filho, em 01/05/2012. A provável localização do fotógrafo foi descrita pelo funcionário do Gabinete Civil do Governador do Estado, Domingos Guará, nascido em Natal em 18 de agosto de 1954.

limpos e organizados. Os modelos de civilidade em vigor nas principais capitais mundiais eram parâmetros seguidos pelos grupos dominantes e o que estivesse fora desses padrões, na opinião dos indivíduos que produziam a cidade, deveria ser banido das vias públicas, por se tratarem de hábitos impróprios. Saíram da cena fotográfica: mendigos, prostitutas, ambulantes, cortiços, casas de taipa ou qualquer outro tipo de habitação nos centros urbanos que não se enquadraram nos novos ideais<sup>11</sup>. Quem não estivesse de acordo com o planejado era afastado, e para receber os foras da ordem foram criados na cidade os espaços de segregação, mantendo muitos grupos que eram incoerentes com o modelo que se buscava construir em Natal as margens da sociedade.

Natal estava em um processo de reordenamento para ser visto, para ser aprovado pelo outro, e nesse outro a aprovação viria por meio do seu modelo de civilidade. As imagens fotográficas transpostas por significados, experiências e simbologias, nos chama a atenção para os desejos dos grupos que moldavam esses espaços. “O crescimento do setor terciário, que ocorreu principalmente associado à indústria, impôs o surgimento de uma grande variedade de novos serviços como também fez crescer substancialmente os já existentes, o que contribuiu para atrair pessoas para a cidade.” (Costa, 2000 p.124).

Contudo, apesar dos projetos de modernização estabelecidos, a distância entre as realidades local e o ideal assumido era imenso. Um problema fundamental era o fato de que o processo de transformações espacial em Natal não era consequência do progresso econômico alcançado pela cidade, mas justamente o contrário, já que se antecipava a ele. O esquema de construção do fotógrafo comparece no tempo/espaço cartografado pelas instituições desenvolvimentistas, surgidas no final da década de 1950, estrategicamente na região Nordeste<sup>12</sup>, que em busca do desenvolvimento econômico assegurou a organização de algumas políticas públicas para o incentivo do turismo, a exemplo de outras cidades. Com a visibilidade que nacionalmente foi dada ao turismo, os aspectos naturais das regiões são destacados. Em Natal o prefeito Djalma Maranhão (1956-1959) destaca a zona litorânea como bela e propícia à atividade.

---

<sup>11</sup> Ver COSTA, Ricardo José Vilar da. *Habitação e modernização* : Cidade Nova e maneiras de viver em Natal no início do século XX. Dissertação apresentada ao programa de Pós graduação em História da UFRN - Natal, RN, 2008.

<sup>12</sup> Com atenção especial para a SUDENE – Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, para mais informações sobre o órgão ver < <http://www.sudene.gov.br/site/menu.php?idioma=ptbr&cod=202> >, consultado em 17/02/11.

IX Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
30 de agosto e 01 setembro de 2012 – Universidade Anhembi Morumbi - São Paulo

Os incentivos financeiros do governo federal, que priorizavam o turismo como um dos carros-chefes para investimentos e que tinha a SUDENE como intermediária para aquisição dessas verbas, também foi preponderante para o deslocamento do olhar que estava fixado no centro, para dar vistas ao litoral.



Fotografia 4: Praia do Meio. As imagens do litoral começam a ser incorporadas nas fotografias. Foto: Jaeci Galvão. Fonte: *Natal Ontem e Hoje* digital (CD).



Fotografia 3: Hotel Reis Magos, primeiro a ser construído de frente para o mar e de categoria internacional. 1965, Praia dos Artistas. Foto Jaeci Galvão. Fonte: *Natal Ontem e Hoje* digital (CD).

O turismo surge no discurso do poder público como a força motriz capaz de solucionar os problemas sociais da cidade, com prioridade para a zona litorânea. No mesmo período que o litoral desponta como promessa ao turismo de massa e é incorporada pelo olhar do fotógrafo, alguns homens preocupam-se com a inércia e a falta das medidas efetivas. A exemplo no ano de 1969 o RN Econômico publicou a seguinte nota:

Quatrocentas pessoas reúnem-se de 4 a 6 de dezembro em Natal, no auditório do SESC, para falar de turismo como forma desenvolvimento. Mas Natal poderá perder esta oportunidade ímpar de mostrar a sua vocação turística aos participantes do II congresso nacional de turismo, de vez que quase nada vem sendo cumprido de todo um planejamento feito pela SERETE que descobriu a vocação da Capital do Rio Grande do Norte e recomendou à Prefeitura uma série de medidas que permanecem engavetadas. Estas medidas visam o aprimoramento das belezas naturais da cidade que servem como ponto de atração turística, mas que estão abandonadas.<sup>13</sup>

---

<sup>13</sup> Nota econômica, Jornal O RN Econômico, Natal, 16 a 30 nov. 1969.

Os congressistas foram recebidos por Câmara Cascudo em uma comitiva de treze embarcações navegando pelo Rio Potengi.<sup>14</sup> Ainda, os anseios em transformar Natal em uma cidade turística é palco de disputas e contradições. A ânsia pelo desenvolvimento econômico através do turismo para a capital é vista como uma falácia por grupos que apostam nas indústrias de base. O economista Jomar Alecrim que assinava uma seção do jornal O RN Econômico faz o seguinte comentário:

Turismo só gera consumo em cidades ou estados de tradições históricas, arte e cultura mundialmente conhecidas, ou que disponha de um fato novo de repercussão mundial. Ex: Paris, Roma, Disneyland, Centro espacial de Houston, Guanabara. [...] Para o Rio Grande do Norte, e em particular Natal, pela inexistência de grandes fatos históricos que pudessem atrair turistas, talvez somente fatos novos provocassem motivações para o turismo. (RN Econômico, 1969).

Mesmo diante dos embates que se travam, a natureza antes vista como atraso ao desenvolvimento econômico e fator que determinava um comportamento modorrento na população local (Arrais, 2006)<sup>15</sup>, foi sendo moldada por acordos políticos, ordenada e ocupada, e contrariamente passou a simbolizar uma possibilidade de riqueza se envolta pela atividade turística novos espaços da cidade, uma nova lógica de uso e de visualidade da cidade, que se abre ao fotógrafo como nova panorâmica. Para isso órgãos oficiais são criados, como o PRODETUR, a Superintendência de Hotéis e Turismo, EMPROTURN entre outros. A oficialização da atividade turística desloca o ritmo intenso da cidade recortada por sua proliferação urbana, pelo espaço paradisíaco, que remete ao ócio, um jogo sócio-espacial que ganha formas e cores nas imagens fotográficas.

---

<sup>14</sup> Idem, Natal, 1 a 15 dez. 1969.

<sup>15</sup> Vale ressaltar que a natureza foi vista no início do século como um fator que determinava o caráter de uma população e também servia de empecilho ao progresso. Em Natal as dunas prejudicavam, no olhar dos estudiosos do início do século o desenvolvimento econômico da capital e o mar, por exemplo, servia de depósito de dejetos humanos. Para mais informações ver; ARRAIS, Raimundo. Da Natureza à Técnica: A capital do Rio Grande do Norte no início do século XX, In: FERREIRA, Ângela Lúcia & DANTAS, George (orgs). *Surge ET ambula: a construção de uma cidade moderna*. Natal, RN: EDUFRN – Editora da UFRN, 2006. Ver também ARRAIS, R.; ANDRADE, A.; MARINHO, M. (2008). *O corpo e a alma da cidade*. Natal: EDUFRN.



Fotografia 5: Via Costeira, de Jaeci Emerenciano Galvão. 198?. Fonte: Natal, ontem e hoje.

Uma fração da cidade será escolhida, como é usual, para ser mostrada aos turistas. Tudo parece esteticamente correto. Imagens que nos convidam a questionar os “outros” espaços. Fotografias multiplicam-se e respondem as expectativas das novas demandas visuais. Traços planejados para cortar caminhos, agora do centro ao litoral<sup>16</sup>, multiplicam-se nas fotografias, que junto com o deslocamento das visualidades da cidade, desloca o seu papel anterior, claramente pedagógico, para atender a uma nova demanda de olhares ansiosos por consumirem novos espaços, diretamente atrelados à atividade turística. A expansão urbana direcionada ao turismo tem seu “boom” na década de 1980 com a construção de mega-projetos e com grandes investimentos “voltados para o setor” (Costa, 2000 p. 127).

### **Considerações Finais**

Por trás de uma bela imagem fotográfica podemos perceber uma atividade turística idealizada, no qual a estética em primeiro plano disfarça muitas estruturas. Entendemos assim que o fotógrafo ao produzir uma imagem, apreende a intencionalidade das propostas culturais, sociais e políticas nos espaços modificados e destinados ao consumo do turismo. Deste modo, as fotografias de Jaeci Emerenciano Galvão que em diferentes momentos desloca-se de acordo com a inserção do turismo como um propulsor do desenvolvimento econômico e social estão

---

<sup>16</sup> Em 1970 os políticos natalenses em sintonia com as propostas nacionais, investem em infraestruturas direcionadas ao turismo, como a abertura da Avenida Getulio Vargas que liga o centro as praias da cidade. Jornal Diário de Natal, 21 de janeiro de 1975.

embebidas de uma ideia dominante de fotografia, de cidade, de modernidade, que de algum modo participaram na construção de representações visuais semelhantes a essas ideias. Isto porque o fotógrafo não fotografa apenas pessoas, coisas e paisagens, mas também noções, juízos e conceitos compartilhados culturalmente.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Albuquerque Junior, D. M. (2005a). *Desassossegos Contemporâneos ou quando tudo parece estar em crise*. Disponível em: < <http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/index2.htm> > Acesso em: 29. mai. 2012;
- Albuquerque Junior, D. M. (2005b). Zonas de encrenca: algumas reflexões sobre poder e espaços. Disponível em: < <http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/index2.htm> > Acesso em: 29. mai. 2012.
- ARRAIS, R.; ANDRADE, A.; MARINHO, M. (2008). *O corpo e a alma da cidade*. Natal: EDUFRN.
- Arrais, R. (2006). Da Natureza à Técnica: A capital do Rio Grande do Norte no início do século XX (Natal/RN). FERREIRA, Ângela Lúcia & DANTAS, George (orgs). *Surge ET ambula: a construção de uma cidade moderna*. EDUFRN – Editora da UFRN, 263-281.
- BRASIL. SEPLAN. *II Plano Nacional de Desenvolvimento: 1975- 1979*. Brasília: 1974;
- Costa, A. A. (2000). *A verticalização e as transformações do espaço urbano de Natal-RN*. Tese (Doutorado em Geografia). UFRJ/PPGG. Rio de Janeiro.
- Costa, R. J. V. (2008). *Habitação e modernização : Cidade Nova e maneiras de viver em Natal no início do século XX*. Dissertação apresentada ao programa de Pós graduação em História da UFRN - Natal, RN.
- Duarte, F. (2002). *A crise das matrizes espaciais: arquitetura, cidades, geopolítica e tecnocultura*. São Paulo: Perspectiva, FAPESP.
- Eco, U. (2001). *A estrutura ausente*. São Paulo: Perspectiva.
- Ferreira, A. (2006). Uma Cidade Para o Futuro: O discurso do progresso na estruturação urbana de Natal (Natal/RN). FERREIRA, Ângela Lúcia & DANTAS, George (orgs). *Surge ET ambula: a construção de uma cidade moderna*. EDUFRN – Editora da UFRN, 283-301.
- Furtado, E. M. (2005.) *A onda do turismo na cidade do sol: a reconfiguração urbana de Natal*. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional). Universidade Federal do RN, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Natal-RN.
- Fonseca, M. A. P. (2005). *Espaço, Políticas de Turismo e Competitividade*. Natal: EDUFRN.
- Giddens, A. (2001). *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Unesp.
- Kossoy, B. (2009). *Realidades e ficções na trama fotográfica*. 4. ed., São Paulo: Ateliê Editorial.
- Kossoy, B. (2007). *Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo*. 2. ed., São Paulo: Ateliê Editorial.
- Kossoy, B. (2003). *Fotografia e História*. 2. ed., São Paulo: Ateliê Editorial.
- Mauad, A. M. (2008). *Poses e Flagrantes: ensaios sobre história e fotografias*. Niterói: Editora da UFF.

IX Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
30 de agosto e 01 setembro de 2012 – Universidade Anhembi Morumbi - São Paulo

- Mélo, E. M. (2009). *A paisagem em foco: Leituras fotográficas de jardim do Seridó/RN*. Natal, RN: EDUFRN.
- Panosso Netto, A. (2011). *Filosofia do turismo: teoria e epistemologia*. 2.ed. São Paulo: Aleph.
- Santos, F. (2002). *Turismo mosaico de sonhos: incursões sociológicas pela cultura turística*. Lisboa: Colibri.
- Santos, M. (1997). *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: HUCITEC.
- Sevcenko, N. (1992). *Orfeu extático na metrópole: São Paulo sociedade e cultura*. São Paulo: Companhia das Letras.